

Artigo Original

Aula em Sala Híbrida: o melhor ou o pior dos dois mundos?

Hybrid Classroom: the best or worst of both worlds?

Clase en Aula Híbrida: ¿lo mejor o lo peor de ambos mundos?

Autores:

Enya Carolina Silva da Costa — enya.costa@fgv.br

Guilherme Balbi — guilhermebalbi95@gmail.com

Olívia de Quintana Figueiredo Pasqualetto — olivia.pasqualetto@fgv.br

Clio Nudel Radomysler — clio.radomysler@fgv.br

Resumo

Este artigo apresenta um estudo de caso sobre o uso da sala de aula híbrida, infraestrutura que favorece a participação síncrona no ambiente presencial e remoto simultaneamente, na FGV Direito SP. Baseia-se na análise da percepção de docentes e discentes extraída através de entrevistas semiestruturadas e surveys, informada pela literatura pertinente. Primeiramente, descrevemos a tecnologia empregada, vantagens e desafios desse modelo de sala de aula. Em seguida, fornecemos recomendações institucionais e pedagógicas. Concluímos que a sala tem potencial para facilitação da internacionalização e logística dos estudantes, mas possui limitações que exigem estratégias metodológicas para assegurar a inclusão e qualidade de aprendizagem.

Palavras-chave: ensino híbrido; sala híbrida; inovação; metodologias ativas; ensino jurídico.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17143/rbaad.v23iEspecial.716>

Abstract

This article presents a case study on the use of hybrid classrooms, an infrastructure that enables synchronous participation in both in-person and remote environments simultaneously, at FGV Direito SP. It is based on the analysis of the perception of teachers and students, gathered through semi-structured interviews and surveys, informed by relevant literature. Firstly, we describe the employed technology, the advantages, and challenges of this classroom model. Next, we provide institutional and pedagogical recommendations. We conclude that the classroom has the potential to facilitate internationalization and student logistics, but it has limitations that require methodological strategies to ensure inclusion and learning quality.

Keywords: blended learning; hybrid classroom; innovation; active methodologies; legal education.

Resumen

Este artículo presenta un estudio de caso sobre el uso de aulas híbridas, una infraestructura que favorece la participación sincrónica tanto en entornos presenciales como remotos simultáneamente, en FGV Direito SP. Se basa en el análisis de la percepción de profesores y estudiantes obtenida a través de entrevistas semiestructuradas y encuestas, informadas por la literatura pertinente. En primer lugar, se describe la tecnología utilizada, las ventajas y los desafíos de este modelo de aula. Luego, se proporcionan recomendaciones institucionales y pedagógicas. Concluimos que el aula tiene el potencial para facilitar la internacionalización y la logística de los estudiantes, pero tiene limitaciones que requieren estrategias metodológicas para garantizar la inclusión y la calidad del aprendizaje.

Palabras clave: enseñanza híbrida; aula híbrida; innovación; metodologías activas; enseñanza jurídica.

I. Introdução

Na mira dos holofotes após a pandemia, o ensino híbrido é um conceito bastante estudado e debatido pela literatura, sendo definido de maneiras distintas. Tal modalidade é designada por diferentes nomenclaturas como *hybrid*, *blended*, *aprendizagem flexível*, *aprendizagem combinada*, dentre outras, e sua caracterização varia conforme instituição e literatura analisadas.

Nesse sentido, Cohen, Norgard e Mor (2020, p. 1039) definem o ensino híbrido como aquele resultante da combinação do ambiente presencial e virtual, vinculando o conceito à disrupção com os modelos tradicionais, uma vez que demandaria cuidados pedagógicos específicos e uma nova forma de conceber os lugares e ferramentas disponíveis. Por sua vez, Moran (2015) o caracteriza como a educação que combina diferentes espaços, tempos, atividades, metodologias e públicos, de tal modo que ele não seria exclusividade dos tempos contemporâneos. Analisando a perspectiva das instituições de ensino, a Stanford University (s.d) o identifica pelo nível de incorporação da tecnologia nas aulas e divisão entre encontros presenciais ou remotos, ao passo que a Monash University (s.d) caracteriza o ensino híbrido a partir da flexibilidade de escolha dos alunos em participar virtual ou presencialmente.

Conjugando as características acima, o ensino híbrido pode ser compreendido pela:

combinação de elementos do ensino presencial com o virtual a fim de aproveitar as vantagens de cada um, pela integração de diferentes tempos, espaços, ferramentas tecnológicas e estratégias pedagógicas, com uma unidade no planejamento e conexão entre os diferentes ambientes (RADOMYSLER *et al*, 2023, p. 9).

Tal definição, composta por elementos oriundos de diferentes correntes da literatura, possibilita a aplicação da hibridez em diferentes níveis como aulas, disciplinas e currículos híbridos (FEFERBAUM *et al*, 2023). A diferenciação entre essas categorias se dá pelo foco de aplicação da hibridez: uma aula híbrida é caracterizada pela participação

síncrona simultânea de estudantes no ambiente presencial e virtual (COLUMBIA, s. d.), seja por meio de uma estrutura tecnológica adaptada a isso, o que caracterizamos como sala de aula híbrida (COLUMBIA, s. d.), seja por meio da simples transmissão do ambiente presencial para os estudantes virtuais. Já uma disciplina híbrida pode conter aulas híbridas simultâneas ou intercalar encontros integralmente presenciais com encontros totalmente virtuais. Por sua vez, um currículo híbrido se caracteriza pela aplicação da hibridez ao longo da formação, integrando os semestres com disciplinas presenciais e semestres com disciplinas à distância, bem como uma disciplina virtual e outra presencial em um mesmo semestre, por exemplo. É possível perceber, desse modo, que a aula híbrida é apenas uma das formas de ensino híbrido.

Diante da multiplicidade de formatos possíveis, a definição engloba desde modelos mais comuns, como o uso de ferramentas virtuais para o apoio do ensino presencial, até modelos mais sofisticados, que dependam da construção de infraestrutura de salas de aula híbridas para possibilitar a participação síncrona de estudantes no ambiente presencial e remoto.

Essa última modalidade de ensino híbrido, que denominamos aula em sala híbrida, é o objeto central deste trabalho. A partir de um estudo de caso baseado na experiência da sala híbrida da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV Direito SP), buscamos identificar potencialidades e limites no uso dessa infraestrutura. Além de apresentar a tecnologia empregada na sala, o artigo procura identificar os principais usos e as estratégias metodológicas mais adequadas a esse formato, bem como os principais desafios a serem enfrentados.

O artigo se baseia em dados coletados na pesquisa “Ensino híbrido: o futuro do ensino superior?”, conduzida pelo Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação (CEPI) FGV Direito SP, ao longo do ano de 2022 e está estruturado em duas seções principais e uma seção conclusiva.

Em um primeiro momento, apresentamos a sala híbrida utilizada na FGV Direito SP, enfatizando a tecnologia empregada e as finalidades de cada uma de suas ferramentas; posteriormente, exploramos algumas de suas potencialidades, pensando em metodologias de ensino mais

adequadas para serem aplicadas em uma aula híbrida; a seguir, discutimos os limites e desafios que esse modelo de ensino trouxe.

Por fim, indicamos recomendações institucionais e pedagógicas mapeadas a partir da experiência de utilização, que podem servir de inspiração para a aplicação da tecnologia em outras instituições de ensino.

Concluimos apontando que a aula em sala híbrida, caracterizada pela participação síncrona simultânea de estudantes online e presencialmente, traz potencialidades de internacionalização e facilidade logística, mas apresenta inúmeros desafios e limitações, dependendo principalmente de uma escolha adequada da estratégia metodológica para lidar com os desafios de manter a assimetria entre os grupos de estudantes e a implementação de métodos que estimulem a participação e engajamento.

2. Metodologia

A presente investigação consistiu em um estudo de caso realizado por pesquisadores no âmbito interno da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP). O estudo tinha como principal objetivo avaliar tendências e perspectivas para a implantação do ensino híbrido na Escola. Uma das metas específicas da pesquisa era identificar a experiência dos docentes da FGV na sala de aula híbrida, entre os anos de 2021 e 2022 (período que se seguiu à sua estruturação), além de identificar possíveis experiências análogas, na literatura, que evidenciassem estratégias pedagógicas para o uso efetivo dessa modalidade de ensino híbrido.

Desse modo, a investigação específica acerca da sala híbrida partiu da seguinte pergunta: quais foram as potencialidades e desafios do ensino híbrido em sala híbrida identificados pelo corpo docente e discente da FGV no período de sua aplicação?

A coleta de informações contou com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição e foi baseada em *survey online* anônimo, enviado para 820 estudantes dos programas de graduação, pós-graduação *stricto sensu* acadêmico e pós-graduação *stricto sensu* profissional, e em

entrevistas semiestruturadas, realizadas com a coordenação dos programas e representantes do corpo docente, ambas no segundo semestre de 2022.

A opção pelo *survey* para estudantes ocorreu a partir do volume de participantes e do interesse em identificar de maneira geral a percepção da comunidade discente (RIBEIRO, VILAROUCA, 2019, p. 274). O formulário continha perguntas fechadas sobre o programa de vinculação dos estudantes, se tinham experienciado atividades de ensino híbrido e como as avaliavam, solicitando que indicassem dentre as opções existentes os recursos que foram utilizados e vantagens e desvantagens, a partir da escala de concordância.

Por sua vez, a opção pela entrevista semiestruturada com docentes e coordenadores(as) ocorreu devido ao fato deste método permitir compreender melhor “as ações, as razões e os motivos” que influenciaram a ação dos mesmos (RIBEIRO, VILAROUCA, 2019, p. 279), com uma maior flexibilidade na elaboração das perguntas e respostas, sem pretensão de uma representatividade geral das opiniões (XAVIER, 2017, p. 153).

As entrevistas semiestruturadas envolviam questões abertas sobre: a modalidade específica de ensino híbrido adotada pelo(a) docente, as melhores práticas utilizadas no ensino híbrido, perspectivas sobre a diferença entre os ambientes presencial e virtual e a opinião do docente sobre o ensino híbrido ser ou não uma tendência do ensino superior. No que se refere especificamente à sala híbrida, foi perguntado se os(as) docentes já haviam feito o uso da sala e suas percepções sobre essa experiência. Apesar de apenas uma pergunta ser especificamente sobre a sala híbrida, as respostas aos demais questionamentos frequentemente abordaram temas relacionados à hibrididade em aula, o que foi aproveitado nesta análise.

No total, foram obtidas 158 respostas de estudantes e realizadas 13 entrevistas com docentes e 3 entrevistas com coordenadores. Embora os resultados não possuam amostra representativa suficiente para generalização (RIBEIRO, VILAROUCA, 2019, p. 282), os dados obtidos nas coletas servem ao propósito de estudo de caso da FGV Direito SP e possibilitaram a reflexão sobre o tema à luz da literatura internacional específica sobre ensino híbrido. Os destaques foram sintetizados nas seções seguintes.

3. A sala híbrida da FGV Direito SP: infraestrutura, potencialidades e limites

Dentre os diversos formatos de sala híbrida possíveis e encontrados em diversas instituições de ensino no Brasil e no mundo, analisamos especificamente o caso da FGV Direito SP, apresentando as ferramentas tecnológicas e infraestrutura adotadas, assim como perspectivas sobre suas potencialidades e desafios.

A sala híbrida da FGV Direito SP foi estruturada em experiência piloto em 2020, no contexto da pandemia de coronavírus, momento em que docentes, gestores e representantes discentes foram mobilizados para realização de testagens e sugestões de aprimoramento para viabilização da melhor experiência possível de ensino-aprendizagem.

Em 2021, para possibilitar um retorno gradual ao ambiente presencial, ainda em um cenário de incerteza, o número de salas híbridas foi expandido. O intuito foi viabilizar a retomada segura de parcela das atividades presenciais, com manutenção da participação de estudantes e outros profissionais remotos, buscando manter o padrão de qualidade das aulas e o modelo de ensino participativo, com foco no protagonismo do estudante, que são característicos da instituição.

Em sua idealização, a infraestrutura deveria possibilitar a combinação de algumas vantagens do ensino virtual - como a facilidade de trazer docentes e discentes de outras regiões do país ou do mundo e o uso de ferramentas tecnológicas para o ensino jurídico - com os ganhos de interação que marcam o ensino presencial.

Considerando os objetivos institucionais de ensino centrado na figura e protagonismo do estudante, sua estrutura foi pensada para ir além da implantação de câmera e microfone que focassem apenas na figura docente. Adicionalmente a permitir a captação e transmissão do conteúdo emitido pelo(a) professor(a), era necessário garantir que estudantes no ensino remoto também pudessem participar de dinâmicas junto aos

colegas, ouvissem as intervenções feitas ao longo da aula e pudessem participar em igualdade de condições com estudantes no ensino presencial.

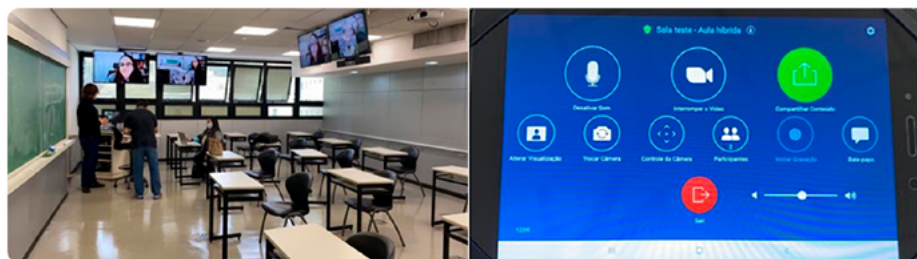
Assim, a sala conta com uma câmera para captação da imagem na região da lousa, com capacidade de acompanhar a movimentação do(a) docente facilitador(a) do encontro ou de se fixar em uma região do quadro. As configurações da câmera podem ser ajustadas via controle remoto, que possibilita além do modo acompanhamento ou fixo, a aproximação ou afastamento (*zoom in* e *zoom out*). Além dela, há também outra câmera voltada para os estudantes em sala de aula, a fim de possibilitar a visualização da turma por quem está conectado remotamente.

Na captação de som, além do microfone de mão ou headset, que pode ser usado pelo(a) docente em momentos de exposição, há microfones distribuídos pela sala, voltados para coleta do som ambiente, isto é, das participações dos demais presentes.

A sala é dotada de botão de alternância de microfones, localizado na mesa ao lado do computador ou em parede próxima a lousa, que, quando acionado, promove a troca da captação sonora. Isso possibilita ao docente escolher se os participantes virtualmente ouvirão apenas o seu microfone ou se ouvirão o som ambiente, quando o foco da atividade for a interação com os estudantes e a contribuição geral da turma. Com o objetivo de facilitar a integração e visualização das turmas, além do projetor tradicional voltado para a lousa, há também projetores e televisores que transmitem a imagem dos estudantes remotos para o(a) docente e para as mesas dos(as) estudantes presenciais, o que possibilita o acompanhamento simultâneo dos dois grupos enquanto ministra ou assiste à aula.

Por fim, as salas são equipadas com dois computadores (docente e apoio) conectados à internet, com acesso a softwares de sala virtual (como o *Zoom*). Para facilitar o controle do ambiente virtual e possibilitar que o(a) docente se movimente pelo ambiente físico, os computadores são sincronizados a um tablet que permite a ativação ou desativação do microfone, compartilhamento de conteúdo, alteração da imagem ou câmera em destaque, admissão de novos membros à sala, visualização do *chat*, dentre outros mecanismos.

Figura 1 - Registro da sala de aula híbrida e painel de controle



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Além da compra e instalação da infraestrutura, foram realizadas rodadas de treinamento de docentes e monitores para viabilizar a utilização das novas tecnologias. Para apoiar os docentes na utilização da sala de aula híbrida, foram também elaborados manuais e guias de instrução com indicações do passo a passo ao entrar na sala e sugestões de atividades e dinâmicas que poderiam ser aplicadas nesse novo modelo de sala de aula.

A aula híbrida não precisa ser feita necessariamente em uma sala projetada e equipada para tal finalidade, podendo ser realizada em uma sala comum, desde que, de algum modo, se permita simultaneamente a participação de estudantes do ambiente virtual, com o auxílio de notebooks ou outros dispositivos móveis, por exemplo. Entretanto, a sala de aula híbrida da FGV Direito SP fornece estrutura e condições para que essa participação ocorra com maior qualidade. Veremos, entretanto, que ela apresenta diferentes vantagens e desvantagens, sendo possível identificar oportunidades para aprimoramento e reflexões relevantes sobre possíveis usos em outros contextos.

3.1. Potencialidades: quais as vantagens da sala híbrida?

Nas entrevistas com docentes foram apontadas diferentes potencialidades do modelo híbrido de ensino. A flexibilidade na participação dos alunos (que não precisam necessariamente estar em um mesmo local, podendo estar em variadas regiões do país), a redução dos custos (de

deslocamento e de tempo, de docentes e discentes) e o uso de ferramentas tecnológicas proporcionada pelo ambiente virtual foram fatores mencionados por 8 dos 13 professores e professoras entrevistadas, quando questionados sobre vantagens que viam no modelo híbrido. O uso para trazer convidados foi ressaltado por 3 dos 13 docentes entrevistados e a realização de bancas, por 1 dos 13 docentes. Quando perguntados especificamente sobre o ensino em sala híbrida, as vantagens apontadas foram relacionadas aos aspectos de infra-estrutura da sala na instituição, como o tablet de apoio ao docente, a câmera direcionada para a turma e a qualidade do áudio e vídeo.

Desse modo, a facilidade logística, proporcionada pela integração do ambiente virtual ao presencial, foi a principal vantagem mencionada pelas e pelos docentes, embora o aumento do leque de opções didáticas (especialmente proporcionado pelo uso das ferramentas tecnológicas) também tenha sido fator ressaltado.

Um grande destaque é a flexibilidade para docentes e discentes externos acompanharem a aula, o que pode potencializar a diversidade regional no perfil estudantil ou o intercâmbio acadêmico e a internacionalização da instituição no caso de participações de outros países. Em alguns cursos, isso pode significar ampliar o número de estudantes, uma vez que mais alunos podem ter acesso ao conteúdo sem haver um aumento do espaço físico da instituição. Há também um potencial logístico relevante nessa experiência, ao permitir a inclusão de estudantes que estejam doentes ou impossibilitados de sair de suas residências nas atividades regulares. Além disso, como ressaltado nas entrevistas, a utilização da infraestrutura pode ser uma grande facilidade para realização de bancas de trabalhos de conclusão de curso, qualificação ou defesa de trabalhos de pós-graduação, possibilitando a participação de avaliadores de diferentes regiões do mundo.

Outra vantagem que merece ser explorada com maior profundidade é a possibilidade de combinar ferramentas tecnológicas e a infraestrutura da sala de aula híbrida para a realização de métodos participativos, como o *problem-based learning*. O *problem-based learning* ou aprendizagem baseada em problemas é um método em que os(as) estudantes aprendem a trabalhar coletivamente para a solução de um problema apresentado,

testando e desenvolvendo suas habilidades com essa finalidade. Uma possível estratégia de uso dessa metodologia na sala híbrida é a realização de grupos separados - um entre estudantes presenciais e outro (ou outros) com os estudantes remotos -, com um momento posterior de apresentação das conclusões com os dois grupos. O diferencial da sala híbrida, nesse caso, é facilidade logística para promover a atividade com objetivos semelhantes em espaços distintos, evitando deslocamento entre estudantes em sala de aula que demandam tempo e provocam barulho, e garantindo maior isolamento e privacidade entre os grupos do que ocorreria se todos estivessem presencialmente. Outras dinâmicas que envolvam o trabalho em documentos colaborativos e co-criação, desde que não envolvam atividades necessariamente presenciais, podem ser bem aproveitadas na sala híbrida, tendo em vista essa facilidade logística.

Por fim, uma vantagem não mencionada nas entrevistas, mas que pode ser apontada, é o potencial da sala híbrida de estimular o desenvolvimento de habilidades demandadas no mundo (cada vez mais) digital, especialmente quando é aliada a projetos que envolvem o protagonismo dos alunos e se tornam "mão na massa" (VALENTE, 2023). No exercício profissional, passou a ser comum a realização de reuniões ou audiências inteiramente virtuais ou híbridas. A sala híbrida viabiliza a adaptação de estratégias como a simulação: no âmbito jurídico, é possível realizar uma simulação de um julgamento em que advogados(as) sustentem presencialmente para a deliberação de juizes(as) presentes no ambiente remoto e vice-versa. Desse modo, os(as) estudantes podem desenvolver diferentes habilidades e se adaptar a dinâmicas particulares que poderão enfrentar no dia a dia da profissão, se confrontados com uma situação híbrida análoga.

A infraestrutura diferenciada também pode auxiliar na promoção de um maior letramento digital, ao ampliar o contato dos estudantes e docentes com ferramentas tecnológicas, seja da própria estrutura da sala, seja pela integração de outras ferramentas que apoiam a aprendizagem nessa modalidade de ensino, como é o caso de softwares de enquetes interativas (por exemplo, o *Mentimeter*), ou de documentos colaborativos (como o *Jamboard*).

No que se refere ao uso de metodologias ativas, portanto, a sala híbrida

permite a inclusão de estudantes remotos em métodos que antes ocorreriam de modo totalmente presencial. Além disso, ela potencializa as habilidades que os(as) estudantes podem desenvolver ao longo do curso - o que pode ser especialmente importante para simular, no ambiente de formação, atividades e práticas que, no contexto profissional, já ocorrem em meios virtuais ou híbridos.

3.2. Desafios: quais os limites de sua utilização?

Ao lado das potencialidades relatadas, a experiência docente na sala híbrida da FGV Direito SP também revelou uma série de desafios, coletados a partir da percepção de quem esteve envolvido em sua utilização.

O principal desafio mencionado pelos docentes foi lidar concomitantemente com dois ambientes e proporcionar uma integração entre eles. Nas entrevistas, três docentes relataram certo incômodo para planejar a aula nesse formato, dificuldades práticas de lidar com a gestão de todo o equipamento (como os microfones e telas), além de inquietações sobre como poderiam dar atenção a todos e manter o engajamento no ambiente virtual e presencial. Dois dos docentes entrevistados relataram que a existência de uma boa infraestrutura, com a qual os professores estejam familiarizados, ajudou a contornar o problema, para além de poder delegar as tarefas e contar com uma rede de apoio formada por auxiliares de ensino (alunas e alunos da pós-graduação ou da graduação que atuam no curso com a finalidade de dar suporte ao docente).

Outra dificuldade relatada foi a de garantir que quem estivesse no ambiente remoto não ficasse de fora, apenas assistindo passivamente a aula, ao invés de participar dela: cinco dos docentes entrevistados apontaram a dificuldade de engajamento simultâneo entre os dois grupos como um dos principais desafios. Tal problema de assimetria entre os dois grupos de estudantes foi relatado especialmente tendo em vista as perdas na comunicação acarretadas pela transição do presencial para o virtual: mesmo que o microfone ambiente capte bem a participação dos(as) discentes, grande parte da comunicação não-verbal, seja de quem fala, seja dos demais, acaba se perdendo para os que estão no ambiente remoto. Foi identificado uma certa tendência de a aula em sala híbrida ser melhor

aproveitada por aqueles que estão no ambiente presencial do que os que estão no ambiente remoto, algo que deve ser considerado e que se deve buscar minimizar em todas as etapas do planejamento e execução do curso. Apesar da dificuldade, quatro docentes entrevistados relataram a necessidade de insistir no engajamento dos alunos - e, a fim de mitigar tal problema, um docente recomendou a segmentação da aula, delimitando de modo claro os momentos de fala apenas do docente e os momentos de fala compartilhada entre discentes nos meios presenciais e virtuais.

Um outro desafio mencionado foi compreender qual é a melhor ocasião para utilizar a sala híbrida. As facilidades logísticas sugerem que seu uso é positivo para a integração com convidados, participação em eventos, bancas ou reuniões. Entretanto, as vantagens de seu uso para o cotidiano das aulas ainda parecem não ser muito claras, pelas percepções colhidas.

Foi possível verificar que as aulas híbridas não foram tão frequentes como se imaginava inicialmente - o que pode se dar tanto por uma maior complexidade de aplicação dos métodos participativos nesse ambiente quanto pela flexibilização por completo das medidas sanitárias restritivas decorrentes da pandemia, que ocorreu durante o período estudado. Dos 13 docentes entrevistados, apenas quatro relataram ter feito uso da sala em seus cursos, sendo que os demais fundamentaram suas percepções em experiências pontuais (em aulas específicas, bancas, reuniões, dentre outros).

Nesse sentido, a aula híbrida, com grupos simultaneamente nos dois ambientes, perdeu adesão diante de outras possibilidades de hibridez no currículo ou disciplina, isto é, desenhos de experiência que concentram em um momento todos os(as) estudantes no ambiente presencial e em outro momento todos(as) no ambiente virtual, como cursos em que metade dos encontros se dá presencialmente e a outra metade virtualmente.

Por fim, um desafio relatado se refere à possível flexibilização da presença na aula. A resignificação da presença trazida de modo geral no ensino híbrido (DOTTA *et al*, 2021) foi um desafio na sala híbrida relatada por um docente, em que a incerteza em relação a quantos estudantes estarão presentes em cada ambiente pode se tornar um obstáculo

ao planejamento do encontro - uma vez que, se 90% da turma estiver no ambiente virtual, a dinâmica terá que ser diferente do que se 90% da turma estivesse no ambiente presencial. Além disso, o docente também relatou uma preocupação de que a adoção de uma aula híbrida pudesse transmitir aos estudantes a mensagem de que sua presença física não seria necessária para a formação.

Assim, é importante que eventual adoção da sala híbrida esteja acompanhada do devido esclarecimento, para a comunidade acadêmica, que a aula híbrida, embora possa ser útil para atender a objetivos específicos, não torna desnecessária a presença discente física nos corredores da instituição. A formação também exige o desenvolvimento de outras habilidades, como a interação entre as pessoas e o desenvolvimento de relações, que o virtual - e a aula em sala híbrida - ainda não proporcionam de maneira equivalente.

Para além desses desafios especificamente trazidos na experiência docente da FGV, é possível mencionar alguns outros, mencionados pela literatura.

Um deles é a desigualdade: se a aula híbrida pode ampliar o alcance do conteúdo ministrado, ao mesmo tempo ela também pode ser instrumento de aprofundamento das desigualdades existentes que vão além da dinâmica interna da aula. Considerando o eventual aumento do corpo discente que gere a impossibilidade de que todos compareçam de maneira presencial, diante de restrições do espaço físico, a ampla adoção de aulas híbridas pode significar a exclusão de pessoas que não tenham acesso (ou tenham acesso precário) à internet ou que vão participar das aulas em ambientes conturbados (como em uma residência sem um espaço silencioso para o estudo ou até mesmo em um ambiente profissional), sendo necessário que o uso dessa sala seja acompanhado de preocupação quanto ao letramento digital dos e das estudantes (ET, 2020).

Portanto, além de fornecer a estrutura, é preciso tomar cuidado para que a ampliação do acesso não seja acompanhada de prejuízo na manutenção da qualidade do ensino para todas e todos os estudantes (SANTINELLO; COSTA; SANTOS, 2020), o que, no caso de metodologias ativas, também demanda garantir a participação igualitária dos estudantes virtuais,

a despeito da menor espontaneidade de tal participação em comparação com os que estão presencialmente (BRUSCATO; BAPTISTA, 2021).

Outros dois aspectos voltados especialmente às instituições se referem ao investimento tecnológico e em recursos humanos que a adoção de uma sala híbrida traz (ET, 2020; STANFORD, s.d.). Embora a infraestrutura aqui relatada seja apenas uma das possibilidades, a adoção de uma estratégia híbrida simultânea passa, necessariamente, por algum grau de investimento tecnológico. É difícil se aventar um ensino participativo, sem que haja uma câmera voltada ao/à docente e uma câmera voltada aos/às discentes, além de microfone para ambos, o que envolve o dispêndio de recursos.

Além disso, a instituição também deve estar preparada para estruturar treinamento e formação para seus docentes, preparando-os não só para o manejo operacional da sala como também para as diferentes possibilidades de dinâmicas e problemas que podem surgir no cotidiano das atividades com estudantes remotos e presenciais.

Vale ressaltar, portanto, que a sala híbrida traz, junto de inúmeras vantagens, desafios pedagógicos, envolvendo o objetivo da aula e a metodologia escolhida, mas também estruturais e financeiras que impactam a instituição, docentes e até discentes.

4. Recomendações institucionais e pedagógicas

Diante das potencialidades e desafios elencados, é relevante que, antes da opção pelo investimento em infraestrutura de salas híbridas, os(as) gestores considerem o contexto de suas respectivas instituições, quais são os recursos e estruturas já disponíveis (SENA; PEREIRA; LAJONQUIÈRE, 2022), bem como qual é o perfil dos(as) docentes e discentes. Isso porque, como destacado no item anterior, trata-se de uma estrutura com alto investimento financeiro, que demanda formação docente especializada, e que precisa estar alinhada à realidade local para que possa ter adesão da comunidade acadêmica e utilização que extraia suas máximas potencialidades.

Além disso, é recomendável que a instituição e seus docentes transmitam com clareza aos estudantes quando e por quais motivos a aula híbrida será adotada. Explicitar os benefícios identificados e em quais casos em que não se recomenda a utilização da aula híbrida, podem auxiliar na compreensão da comunidade acadêmica e facilitar a disposição à adaptação, deixando claro que a opção da sala híbrida não se dá para facilitar o curso ou deixá-lo mais confortável para os(as) estudantes (SANTINELLO; COSTA; SANTOS, 2020).

No cotidiano do planejamento da aula e na condução das atividades, especialmente no caso de aplicação de metodologias ativas, alguns cuidados devem ser observados pelo(a) docente.

O principal deles é tratar, em condições de igualdade, estudantes remotos e presenciais, não negligenciando os primeiros em relação aos segundos. No aspecto logístico, isso envolve se atentar para eventuais quedas de conexão com a internet e possíveis falhas nas demais ferramentas tecnológicas, como câmeras e microfones, assim como ocorre no ensino totalmente virtual (OLC, 2022). Além disso, também é recomendável priorizar o uso de softwares que podem ser acessados com a mesma facilidade pelos estudantes nos dois ambientes, em detrimento do uso de ferramentas físicas (como lousa), que podem ser difíceis de visualizar para os estudantes remotos.

Dado que o manejo dos dois grupos e de todo o aparato da sala pode atrapalhar a condução da aula, é recomendável que o(a) docente conte com o apoio de monitores(as) ou de estudantes voluntários rotativamente que tenham a função específica de auxiliar nas questões operacionais, tais como monitorar as solicitações de participação via chat ou reações e realizar o compartilhamento de conteúdo, por exemplo, para evitar a sobrecarga docente.

Além de questões operacionais, também é relevante o cuidado no planejamento da aula pelos(as) docentes para que os objetivos de aprendizagem sejam cumpridos nos dois ambientes. Isso pode ser facilitado através da organização prévia de quais serão os objetivos de cada encontro, quais serão as atividades propostas no ambiente presencial ou virtual bem como

quais são os recursos necessários em cada ambiente para sua aplicação, levando em conta tempo, materiais, aplicativos e ferramentas tecnológicas.

Ainda em relação aos aspectos pedagógicos, é importante evitar, ao longo da aula, que a diferença de ambiente impeça a construção de uma única comunidade de estudantes. Uma sugestão é buscar chamar os(as) estudantes pelos nomes, sem fazer generalizações como “pessoal do Zoom/Meet/Teams”, em referência ao grupo remoto, além de garantir que os(as) estudantes no presencial falem seus nomes ao manifestarem suas questões ou comentários.

Outra sugestão, considerando que a mescla entre estudantes do virtual e do presencial para realizar atividades síncronas pode ser desafiadora, é propor atividades assíncronas que estimulem o trabalho colaborativo entre todos e promovam um espaço extraclasse para que interajam e se conheçam melhor.

Além disso, reservar um tempo no curso para estabelecer combinados com a turma, isto é, construir regras colaborativamente pode facilitar a interação entre os ambientes. Essas regras podem prever, por exemplo, de que modo será organizada a ordem de participação, como será sinalizado em caso de interferências de áudio ou excesso de ruídos, se haverá reserva de tempo para cada ambiente manifestar suas dúvidas, dentre outras possibilidades.

Deve-se evitar ao máximo que o(a) docente dê informações relevantes antes ou depois do horário da aula, centrando os avisos no momento em que os(as) estudantes remotos tenham acesso a eles. Também é necessário que o(a) docente se atente a manifestações no chat da sala virtual que estejam inacessíveis para os(as) estudantes presenciais - sendo oportuno que, no momento adequado, tais manifestações sejam lidas em voz alta.

Esses cuidados devem estar no radar do(a) docente em todas as etapas do curso. No planejamento da disciplina e na escolha da metodologia, é importante entender quais são as ferramentas à disposição e, principalmente, qual o objetivo que se tem ao escolher o uso da sala híbrida. Na avaliação, por sua vez, deve-se levar em consideração o meio (presencial

ou virtual) pelo qual o estudante frequentou o curso, tomando em conta tal contexto ao distribuir notas como participação, por exemplo.

5. Conclusão

Se podemos afirmar que o ensino híbrido, por mesclar vantagens do virtual com vantagens do presencial, possivelmente será uma modalidade de ensino adotada por diversas instituições em médio e longo prazo, não é possível dizer o mesmo da sala de aula híbrida.

A aula híbrida apresenta vantagens relevantes e pode representar um diferencial para as instituições que se proponham a aplicá-lo e que tenham recursos para investir em uma sala de aula híbrida: permite construir e estreitar relações com docentes e discentes de regiões distantes, diversificar as habilidades desenvolvidas, trazer flexibilidade para as pessoas e proporcionar experiências diferentes para os(as) estudantes. O estudo demonstrou que as facilidades logísticas (economia de tempo, possibilidade de integração com discentes e docentes de outras regiões e países) foram o principal ponto mencionado pelos docentes, ao lado do uso de ferramentas tecnológicas em suas aulas.

Entretanto, foi possível identificar desafios que se colocam para a adoção desse recurso. No quesito da estrutura, para extrair as melhores potencialidades, a construção de uma sala híbrida não deve se restringir somente à transmissão de imagem e som do(a) docente. O investimento em outras tecnologias, a existência de uma boa infraestrutura e de uma rede de suporte (formada por um(a) auxiliar de ensino) foram elementos considerados importantes para viabilizar a aplicação de métodos ativos e a participação mais igualitária entre os(as) estudantes presenciais e remotos.

Além disso, uma boa experiência com a sala híbrida não se esgota no oferecimento dos recursos tecnológicos pela instituição, passando necessariamente por cuidados metodológicos e atitudinais por parte dos(as) docentes e discentes. É essencial que se tenha a clareza do porquê de se adotar uma aula híbrida e que se escolha métodos que sejam compatíveis e que potencializem o alcance desses objetivos.

O manejo de dois ambientes e dois grupos diferentes também demanda a atenção a pequenos detalhes, como evitar priorizar estudantes presenciais durante as dinâmicas e evitar negligenciar estudantes remotos, lembrar de chamar todos e todas pelos nomes, dentre outros cuidados.

A partir do estudo de caso analisado, percebemos que, apesar de apresentar algumas vantagens, ela também apresenta desvantagens. Assim, ainda não é possível afirmar que a sala de aula híbrida se tornará uma realidade e um diferencial em médio e longo prazo. A aula híbrida é cercada de muitos desafios, que requerem atenção de estudantes, docentes e instituições para que sejam superados e permitam com que seja uma ferramenta útil para promover flexibilidade aliada à inclusão e qualidade de aprendizagem.

Referências

BEATTY, B. J. Designing a Hybrid-Flexible Course: Creating an Effective Learning Environment for All Students. In: B. J. Beatty, *Hybrid-Flexible Course Design: Implementing student-directed hybrid classes*. 2019. EdTech Books. Disponível em: <https://edtechbooks.org/hyflex/hyflex_design>. Acesso em 13 abr. 2023.

BRUSCATO, Amanda Maraschin; BAPTISTA, Jorge. Modalidades de ensino nas universidades brasileiras e portuguesas: um estudo de caso sobre a percepção de alunos e professores em tempos de Covid-19. *Revista Brasileira de Educação*, v. 26, 2021.

COHEN, Anat; NORGDARD, Rikke Toft; MOR, Yishay. Hybrid learning spaces--Design, data, didactics. *British Journal of Educational Technology*, vol. 51, n. 4, 2020, p. 1039-1044. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/bjet.12964>>. Acesso em 13 abr. 2023.

COLUMBIA University, Center for Teaching and Learning. *Hybrid/HyFlex Teaching & Learning*, s. d. Disponível em: <<https://ctl.columbia.edu/resources-and-technology/teaching-with-technology/teaching-online/hyflex/>>. Acesso em 21 jun. 2023.

DOTTA, Silvia *et al.* Oportunidades e desafios no cenário de

pandemia para transformar a educação mediada por tecnologias. *Revista Iberoamericana de Tecnología en Educación y Educación en Tecnología*, n. 28, p. 157-167, 2021. Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-99592021000100020> Acesso em 6 jul. 2022.

ET (Education Technology). *2020 Ultimate Guide to Blended Learning*. 2020. Disponível em <<https://edtechnology.co.uk/latest-news/ultimate-guide-to-blended-learning/>> Acesso em 16 mar. 2023.

FEFERBAUM, Marina et. al. *Ensino híbrido: o futuro que queremos?* São Paulo: FGV Direito SP, 2023. Disponível em <<https://hdl.handle.net/10438/33939>>. Acesso em 30 out.2023.

MONASH (Monash University). *Active blended and online teaching*. s.d. Disponível em: <<https://www.monash.edu/learning-teaching/TeachHQ/Teaching-practices/Blended-and-online-teaching>> . Acesso em 7 jul. 2022.

MORAN, José. Educação híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, TANZI & TREVISANI (org.). *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*. Porto Alegre: PENSO, 2015, p. 27-45.

OLC (Online Learning Consortium). *Online & blended learning: selections from the field*. Routledge, 2018. Disponível em <https://www.routledge.com/rsc/downloads/OLC_FreeBook_Online_Blended_Learning.pdf> Acesso em 6 jul. 2022.

RADOMYSLER, Clio N.; FEFERBAUM, Marina; COSTA, Enya C. S; BALBI, Guilherme; PASQUALETO, Olívia Q. F. *Ensino híbrido: um guia de boas práticas institucionais e docentes*. São Paulo: CEPI FGV Direito SP, 2023. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/33487>. Acesso em 14 abr. 2023.

RIBEIRO, Ludmila Mendonça Lopes; VILAROUCA, Márcio Grijó. Como devo fazer entrevistas? In: FEFERBAUM, Marina; QUEIROZ, Rafael Mafei Rabelo (coord.). *Metodologia da pesquisa em direito*:

técnicas e abordagens para elaboração de monografias, dissertações e teses, p. 274-308. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2019.

SANTINELLO, Jamile; COSTA, Maria Luisa Furlan; SANTOS, Renata Oliveira dos. A virtualização do Ensino Superior: reflexões sobre políticas públicas e Educação Híbrida. *Educar em Revista*, v. 36, 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/er/a/kDg6xqTkySYrWsXvsz-Fg4Np/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 15 abr. 2023.

SENA, I. de J.; PEREIRA, M. R.; LAJONQUIÈRE, L. de. *Hybrid teaching at the university and enunciation place of professors in the academic-vocational formation*. SciELO Preprints, 2022. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3624>> . Acesso em: 6 jul. 2022.

STANFORD UNIVERSITY. *What is blended teaching?* Teaching commons, [s.d.] Disponível em <<https://teachingcommons.stanford.edu/explore-teaching-guides/blended-teaching-guide/getting-started-blended-teaching/one-central-question>>. Acesso em 6 mar. 2023.

VALENTE, J. A. Ensino híbrido mão na massa: aprendizagem com alunos mais ativos. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 19, n. 50, p. e11340, 2023. DOI: 10.22481/praxisedu.v19i50.11340. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/11340>. Acesso em: 25 mar. 2024.

XAVIER, José Roberto Franco. Algumas notas sobre a entrevista qualitativa de pesquisa. In: Machado, Máira Rocha (Org.). *Pesquisar empiricamente o direito*. São Paulo: Rede de Estudos Empíricos em Direito, 2017.